

Para uma compreensão ontológica do trabalho educativo

For an ontological understanding of educational work

Saulo Rodrigues Carvalho*

Resumo

O presente artigo tem por objetivo discutir os traços ontológicos do trabalho educativo a partir da compreensão da obra lukacsiana. Com base no método materialista histórico-dialético, fundamentando-se nas categorias de trabalho, divisão do trabalho e reprodução desenvolvidas pelo filósofo marxista György Lukács, a pesquisa, de natureza conceitual, tratou da especificidade do conceito de Trabalho Educativo, presente na obra de Dermeval Saviani, observando seus aspectos ontológicos no que diz respeito à reprodução social. Tomando por referência tais aspectos, compreende-se, nesta pesquisa, que o conceito de Trabalho Educativo possui traços constitutivos de um tipo estrito de educação. Assumindo por fundamento a universalidade da cultura, compõe, assim, aspectos em sentido estrito da educação na proposição de uma formação humana socialista.

Palavras-Chave: educação; trabalho educativo; ontologia do ser social.

Abstract

This article aims to discuss the ontological traits of the educational work from the perspective of Lukacs' work. Based on Historical and Dialectical Materialist method and on the categories of Labor, Division of Labor and Reproduction developed by Marxist philosopher György Lukács, the research, of conceptual nature, dealt with the specificity of the concept of educational work present in the work of Dermeval Saviani, noting its ontological aspects with regard to social reproduction. By reference to such ontological aspects of education, it is understood in this research that the concept of educational work has constitutive features of a strict type of education, taking as basis the universality of culture, thus making aspects of education in the strict sense in proposing a socialist human development.

Keywords: education; educational work; ontology of Social Being.

* Doutor em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras (FCLAR) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, Campus de Araraquara. Professor colaborador do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO), no Campus Santa Cruz em Guarapuava-PR.

Introdução

Esta pesquisa teve como finalidade discutir, no âmbito da ontologia marxista, o conceito de Trabalho Educativo elucidado nas obras de Dermeval Saviani. O educador brasileiro tem se destacado, desde a década de 1980, por introduzir com maior ênfase o referencial teórico do marxismo, propondo uma Pedagogia Histórico-Crítica como forma de interpretar e intervir na educação. Em exata medida, o conceito de trabalho educativo tem sido um elemento nuclear da teoria de Saviani, de modo que, reconhecendo a educação como atividade consciente, ato teleologicamente posto, o trabalho educativo produz e reproduz a humanidade nos indivíduos singulares (Saviani, 2012, p. 13). Desta forma, tornou-se imprescindível a discussão das bases teóricas que compreendem o trabalho educativo, tendo como referência o estofa teórico do marxismo.

Reconhecendo que um dos principais comentadores de Marx do século XX propôs-se a debater as bases ontológicas da obra marxiana¹, a *Ontologia do ser social* de György Lukács serviu-nos de parâmetro para a discussão dos elementos ontológicos presentes na afirmação do Trabalho Educativo como forma socialmente superior de atividade educativa. Deste modo, atemo-nos a um cronograma de estudos que basicamente se consubstanciou na análise do capítulo 2 da segunda parte do texto da *Ontologia* de Lukács (2007a) denominado “A reprodução”. Elegemos essa categoria por entender que o momento predominante do aparecimento do complexo educativo na vida social dos homens dá-se exatamente no processo de reprodução social. Assim, o complexo educativo não só pertenceria à esfera da reprodução do ser social, como se desenvolveria com todas as virtudes e os problemas deflagrados da sua processualidade.

Embora a *Ontologia* de Lukács tenha tido grande divulgação nos meios acadêmicos por parte de seus estudiosos, só recentemente foi publicada uma edição traduzida do alemão (língua utilizada para a primeira edição pelo filósofo húngaro). No entanto, como ainda não obtínhamos o acesso a essa edição, apoiamo-nos na tradução provisória da edição italiana, cedida gentilmente pelo Prof. Ivo Tonet em seu site². Utilizamos como suporte para melhor compreensão o próprio livro em italiano, intitulado *Per una Ontologia dell' Essere Sociale*, da editora Riuniti. Desta feita, aplicamo-nos a estudar a tradução provisória confrontando com o texto em italiano. Foi fundamental para a nossa compreensão o destaque de dois conceitos-base para descrever o fenômeno da educação em sua fundamentação ontológica, o *sentido lato* e o *sentido estrito da educação*.

¹ Aqui utilizamos a distinção, feita por José Paulo Netto, entre as obras marxistas (aquelas escritas por estudiosos de Marx) e as obras marxianas (aquelas escritas pelo próprio Marx).

² Ivo Tonet: *marxismo, política, educação e emancipação humana*. <<http://www.ivotonet.xpg.com.br/>>

Sumariamente, esta pesquisa conduziu-nos à corroboração do juízo expresso na afirmação do trabalho educativo e do objetivo da educação, os quais se traduzem na “identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta de formas mais adequadas de atingir esse objetivo” (Saviani, 2012, p. 13). Em conta, parece-nos claro que as atividades cotidianas determinam em larga medida a qualidade da captação do real pelos indivíduos, e que, portanto, quanto mais ricas tais atividades, maiores serão as possibilidades de compreensão da realidade em sua máxima fidedignidade, o que vale para o seu oposto. Contudo, o cotidiano, por mais elaborado que seja, é sempre uma particularidade do real, o que nos leva a afirmar que, da mesma forma, é sempre a captação de parte da realidade. Em sentido contrário, a atividade escolar, tomando o trabalho educativo como referência, é um momento de superação das atividades cotidianas, ponto de síntese que permite aos indivíduos uma compreensão da realidade em suas formas mais complexas, em sua totalidade social.

O diagnóstico do problema

O pensamento de Lukács tem conquistado destaque entre os pesquisadores brasileiros nos últimos anos, e muito disso se deve aos esforços realizados nas décadas de 1960 e 1970, por parte das traduções realizadas pelo Professor Carlos Nelson Coutinho e de um grupo diverso de estudiosos de sua obra, dos quais podemos mencionar os nomes de Leandro Konder, José Paulo Netto, Celso Frederico, José Chasin, Sérgio Lessa, Ivo Tonet, entre outros, que iniciaram, de certo modo, uma tradição lukacsiana, introduzindo, assim, questões referentes ao objeto de estudo e à leitura ontológica da obra de Marx realizada de modo singular por György Lukács. Atualmente, os estudos da obra lukacsiana têm sido ampliados tanto no aprofundamento do conhecimento de sua obra em si, quanto na extensão dos problemas a serem estudados sob a sua perspectiva. Ao que cabe à compreensão da obra lukacsiana nos estudos da sua *Estética e Ontologia*, vale ressaltar as publicações recentes da editora Boitempo, trazendo para o mercado editorial uma edição revisada e atualizada dos *Prolegômenos* e da *Ontologia do Ser Social*.

No tocante à dimensão dos problemas estudados sob a perspectiva lukacsiana, esta tem se ampliado e abrangido as grandes áreas das ciências humanas, como o Direito, o Serviço Social, a Educação, as Artes, a Medicina, bem como as já tradicionais áreas da Literatura e da Filosofia. A respeito da educação, são poucos os excertos dedicados por Lukács a tratar especificamente sobre o assunto. Entretanto, para o filósofo húngaro, a educação trata-se de um complexo de atividades destinado à manutenção do gênero humano, ela “consiste em in-

fluenciar os homens a fim de que, frente às novas alternativas da vida, reajam no modo socialmente desejado” (Lukács, 2007a, p. 19).

Observando a concepção de homem elaborada por Marx, segundo a qual o homem, por meio do trabalho, deixa de dar repostas meramente biológicas, adaptando-se ao meio natural, para se tornar um ser social, que reage ativamente às circunstâncias, transformando-as, Lukács compreende a educação como um fenômeno com traços constitutivos inseridos no complexo da reprodução social. Nesta perspectiva, a educação em geral só possui sentido se inserida no contexto social do qual ela é parte. Como ressalta, diferente da “ajuda prestada” pelos animais adultos de outras espécies aos seus filhotes “(...) Na educação dos homens, ao contrário, o essencial consiste em *torná-los aptos a reagir adequadamente* a eventos e situações imprevisíveis, novas, que se apresentarão mais tarde nas suas vidas” (Lukács, 2007a, p. 18 – grifo meu).

Na medida em que se desenvolve a divisão social do trabalho, desenvolve-se também um complexo de atividades que, em última análise, são originárias do trabalho.

É claro, como veremos mais adiante, que não se deve ser esquemático e exagerar este caráter paradigmático do trabalho em relação ao agir humano em sociedade; mas assim mesmo, ressalvadas as diferenças, que são muito importantes, veremos que há uma essencial afinidade ontológica e esta brota do fato de que o trabalho pode servir de modelo para compreender as outras posições sócio-teleológicas exatamente porque, quanto ao ser, ele é a forma originária (Lukács, 2007b, p. 4).

Para Lukács, o trabalho é a protoforma de toda atividade humana, é a “forma originária” do agir humano (Lessa, 2007). Nesse sentido, o complexo da educação desenvolve-se sobre a base da *teleologia do trabalho*, grosso modo, atividade destinada a um fim. A teleologia da educação está destinada a transformar o conteúdo subjetivo da consciência dos homens. Faz parte do conjunto de “atos teleológicos que visam suscitar nas outras pessoas a vontade de operar determinadas posições teleológicas.” (Lukács, 2007a p. 5). Com a complexificação da divisão do trabalho e o aprofundamento do antagonismo de classe, há também um ininterrupto processo de complexidade das atividades destinadas a agir sobre as posições teleológicas dos homens.

Dentre essas atividades, interessou-nos destacar na educação uma de suas formas particulares de desenvolvimento: a educação escolar. A educação escolar remete-nos à categoria específica de trabalho educativo. Em Saviani (2012), encontramos uma definição mais exata do significado do trabalho educativo para a educação escolar. Vejamos:

O trabalho educativo é o ato de produzir e reproduzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta de formas mais adequadas de atingir esse objetivo (p. 13).

Tomando a concepção ontológica de educação presente em Lukács e a definição de trabalho educativo de Saviani, preocupamo-nos, neste trabalho, em delimitar quais os aspectos ontológicos presentes na definição de trabalho educativo. Em questão, levantamos: o que a obra lukacsiana nos oferece de indícios para compreender a educação escolar? Foi preciso salientar, porém, que já havia algumas leituras que procuravam aproximar as concepções de Saviani e Lukács, defendendo que a historicidade concreta decorrente da visão de educação da Pedagogia Histórico-Crítica contém os elementos ontológicos da Educação. Duarte (1994), sem dúvida, foi o primeiro a estabelecer uma relação entre estes dois autores. Nosso trabalho, porém, limitou-se ao estudo do conceito de trabalho educativo, inserido nos princípios ontológicos do ser social.

Divisão do Trabalho e o complexo educativo

É bastante conhecida a tese da relação entre a educação e o trabalho. Vários pensadores ligados à educação corroboram com essa afirmativa, embora haja algumas nuances sobre suas interpretações. Para Lukács, em sua ontologia, educação e trabalho são indissociáveis. No entanto, o dado que nos chama a atenção é a relação ontológica entre o desenvolvimento da divisão do trabalho e a necessidade da educação. De fato, o estabelecimento da necessidade e o desenvolvimento das formas de educação ocorrem em face do surgimento de novas habilidades geradas pela divisão do trabalho. Lukács (2007a) irá afirmar que a divisão do trabalho tem sua origem “ocasional” e por isso “consiste num mero agir tecnicamente em comum no caso de determinadas operações ou cooperações” (p. 20).

À primeira vista, a divisão do trabalho impõe-se ocasionalmente, em decorrência das próprias exigências naturais para a sobrevivência humana. Contudo, tal divisão aparece mais tarde, no decorrer do processo histórico, como uma força “estranha” aos homens.

A divisão do trabalho se mostra, pois, um efeito do desenvolvimento das forças de partida de um desenvolvimento ulterior. Certamente ela deriva, no imediato, das posições teleológicas singulares dos indiví-

duos e, todavia, uma vez que exista, se põe frente aos indivíduos como potência social, como importante fator do seu ser social que ela influencia, aliás, determina (Lukács, 2007a, p. 21).

Sobretudo, quando certas posições teleológicas são fixadas na prática social dos homens, tornando-se fundamentais para a continuidade de determinada formação social, elas apresentam-se num estágio onde se faz necessário reproduzi-las de modo que outros homens de outras gerações consigam realizá-las com êxito. Em especial a divisão do trabalho, desde sua aparição mais ocasional, situada originalmente por diferenciações biológicas, promove excepcionalmente “[...] consequências posteriores que levam a ações e relações puramente sociais” (*ibidem*, p. 5).

Podemos situar neste caso que mesmo em estágios mais primitivos da divisão do trabalho, “a sua simples existência, mesmo que ainda a um nível muito baixo, faz surgir através do trabalho uma determinação ulterior decisiva do ser social, a comunicação precisa entre os homens reunidos para um trabalho: a fala”³ (*idem ibidem*). Ademais, à medida que certas atividades são consolidadas, quer seja pela cooperação, quer seja pela divisão social do trabalho, é preciso gerar nas outras pessoas o desejo de operar determinadas ações. É preciso influenciá-las de modo que ajam em conformidade com as habilidades e os procedimentos requeridos para a ação exercida. Uma vez que tais capacidades não são inatas, faz-se necessário conservá-las e passá-las adiante. De tal modo, para que um tipo de trabalho torne-se conhecido de outros homens, à medida que o trabalho de um se torne o trabalho de outros e que, no ato de conhecer, os homens passem a controlar as forças objetivas da natureza e da sociedade à sua volta, faz-se necessário um tipo de comunicação especial, na qual seja possível afixar os conhecimentos acumulados, que arriscamos em nominar neste momento de educação.

Para que os conhecimentos não se percam com o declínio das gerações, faz-se necessário que as gerações precedentes tenham condições e capacidades de reproduzir e levar adiante os conhecimentos das gerações anteriores, fazendo assim surgir, impreterivelmente, um conjunto de práxis que tem por definição a reprodução dos conhecimentos necessários para a continuidade de um conjunto de condutas e formas específicas de sociabilidade e transformação da natureza.

³ Na tradução italiana, o termo “fala” é traduzido como “*linguaggio*”, que pode significar tanto língua, como linguagem. “*la sua semplice esistenza, anche se a un livello ancora molto basso, fa sorgere dal lavoro un’ulteriore decisiva determinazione dell’essere sociale, la comunicazione precisa fra gli uomini riuniti in vista di lavoro: il linguaggio*” (Lukács, 1981, p. 136). Há uma diferença entre “fala” e “linguagem”, do ponto de vista conceitual, que não nos permite descrevê-las como sinônimos, embora tenham uma significação muito próxima. Grosso modo, a fala está relacionada de maneira mais subjetiva à capacidade dos indivíduos em expressar suas ideias e emoções, enquanto que a linguagem designaria, de forma objetiva, a fixação de um sistema de signos com os quais se torna possível a comunicação precisa entre os homens, tendo a fala como veículo da linguagem.

Sem dúvida, o que teimamos em chamar de educação na etapa mais primitiva da divisão do trabalho tem por características tomar assento os aspectos mais espontâneos⁴ das relações estabelecidas para a execução do trabalho. A educação neste momento confunde-se com o próprio trabalho, consubstanciando-se objetivamente no aprendizado dos atos necessários e na vontade para a sua realização – “Tais atos, para serem funcionais, já em estágio primitivo, requerem o conhecimento das pessoas nas quais deve ser suscitada esta vontade, do mesmo modo pelo qual as posições do trabalho em sentido estrito requerem que os objetos, as forças, etc., naturais em questão sejam conhecidos.” (Lukács, 2007a, p. 5).

Entretanto, Lukács, baseando-se em Marx, apenas nos descreve presumíveis linhas do desenvolvimento da divisão do trabalho e, conseqüentemente, a formação dos complexos sociais determinantes para a constituição do ser social do homem. Enquanto tal, a divisão do trabalho só irá mesmo existir a partir do “momento em que se opera uma divisão do trabalho material e intelectual” (Marx, 1965, p. 27). Em concordância com a afirmativa marxiana, Lukács irá certificar-se da gênese da divisão do trabalho “quando as ocupações singulares se autonomizam em profissões” (Lukács, 2007a, p. 5), mas é, sobretudo, com a “máquina que se inicia a verdadeira divisão do trabalho determinada pela tecnologia” (*ibidem*, p. 6).

Conseqüentemente, as posições teleológicas destinadas a influenciar os homens a um agir socialmente necessário passam a configurar, com o desenvolvimento da divisão do trabalho, um papel cada vez mais decisivo na vida do ser social. Saindo de uma diferenciação quase que exclusivamente determinada pelas condições biológicas, para atingir um patamar em que a incomensurável concretização dos atos torna-se conseqüência de determinações puramente sociais, a educação instituir-se-ia, neste sentido, tal qual a conhecemos, como uma prática relativamente autônoma, que possibilitaria ao homem algum grau de compreensão da realidade. De outro modo, uma prática que, em separado do trabalho propriamente dito, incide diretamente na formação da consciência dos homens – consciência aqui tratada não só como mera recordação do anterior, mas como elemento que possibilita acrescentar novas e mais ricas elaborações à prática atual.

É especialmente na divisão social do trabalho, entre o trabalho intelectual e físico, que o complexo da educação toma contornos problemáticos. O nascimento das classes sociais, com efeito, coloca como prerrogativa para a decisão

⁴ O espontâneo aqui, não significa, em momento algum, o natural; ele já inclui o social por excelência e algum tipo de consciência. “[...] toda espontaneidade social é uma síntese de posições teleológicas singulares de decisões alternativas singulares, e o fato de que o motor e o *médium* da síntese tenha um caráter espontâneo não impede que as posições singulares fundamentais sejam almeçadas, sejam mais ou menos conscientes.” (Lukács, 2007, p. 104).

dos conflitos a conservação e a reprodução de determinadas formas de conduta que irão incidir tanto na consciência das classes oprimidas, quanto na consciência dos seus opressores. A educação deixa de ter um atributo espontâneo, para assumir características instituídas. Tomando o mundo antigo como exemplo, quando consolidada a aristocracia escravista, a educação familiar típica das estruturas tribais (de natureza exclusivamente espontânea) dá lugar à instituição da formação militar dos jovens guerreiros, enquanto que os jovens da elite passaram a ser designados a preceptores que cuidariam da sua formação intelectual e moral. Os exemplos mais vivos dessa instituição são a formação guerreira de Esparta e a nominável história de Alexandre “o grande”, aluno de Aristóteles de Estagira.

Poderíamos seguir aqui com inúmeros exemplos, na história da luta de classes, de instituição de determinadas condutas destinadas tanto à dominação, quanto à própria reprodução do trabalho e assim por diante, formas de educação. É importante ressaltar que a instituição da educação, embora represente, de algum modo, a potência da dominação das classes possuidoras, representou também, num sentido muito mais amplo, um grande progresso tanto nos padrões técnicos como econômicos, mas evidentemente nos exemplares humanos.

De forma alienada, entretanto, é neste momento que o homem se torna objeto da produção do homem, a reprodução humana da sociedade fixa-se em uma produção do gênero humano, representado pela educação, de forma objetiva, das técnicas, habilidades e dos conhecimentos que diretamente realizam a transformação da natureza e, por outro lado, a fixação valorativa dos sentimentos, emoções, a persuasão, etc., que influem decisivamente na personalidade dos homens.

Ainda assim, as formas instituídas de educação destinavam-se a uma parcela muito pequena dos homens. Respectivamente, elas representavam a porção dominante da sociedade e de estratos que, de algum modo, tomavam parte dessa dominação. É somente nos marcos da sociedade capitalista que a instituição da educação coloca-se como obrigatoriedade para a maioria da população. Efetivamente, a divisão do trabalho e o surgimento das cidades⁵ operam em um sentido no qual se tornam cada vez mais independentes as posições teleológicas destinadas a atuar na consciência dos homens.

⁵ Para citar Lukács (2007a) “O processo social da separação entre trabalho físico e intelectual é, também, posteriormente potencializado pela mera existência da cidade. Quanto mais a cidade se torna o centro da indústria e quanto mais a produção industrial de um país adquire predomínio quantitativo e qualitativo sobre a agrícola, tanto mais forte é a concentração nas cidades de todos os ramos do trabalho intelectual e tanto mais o campo é excluído por longos períodos, dos progressos da cultura” (p. 23)

Quanto mais se desenvolve o trabalho, e com ele a divisão do trabalho, tanto mais autônomas se tornam as posições teleológicas do segundo tipo, e tanto mais podem se desenvolver em um complexo por si da divisão do trabalho. Esta tendência evolutiva da divisão do trabalho na sociedade conflui necessariamente com o nascimento das classes: as posições teleológicas deste tipo, por via espontânea ou institucional, podem ser postas a serviço de um domínio, independente de quem se sirva disto (*ibidem*, p. 21).

Em decorrência do aprofundamento da divisão do trabalho, a divisão entre cidade e campo se agrava no curso das atividades necessárias para a manutenção do capital, sobressaindo, no espaço da cidade, a cristalização de uma diversidade de profissões, especializadas ou semiespecializadas, destinadas desde a produção direta de mercadorias à projeção do desenvolvimento da indústria e do comércio, ao controle da saúde e da higiene e da preparação do contingente reserva destes profissionais. A instituição da escola de massas sob a tutela do Estado burguês radica, de outro modo, a formação de tipos ideais de conduta, que, do ponto de vista ontológico-objetivo, representam “[...] um processo de integração das comunidades humanas singulares, o processo com o qual se realiza um gênero humano que não é mais mudo e, portanto, uma individualidade humana que vai se explicitando em modos cada vez mais multilaterais (cada vez mais sociais)” (*ibidem*, p. 20).

Podemos afirmar, desse modo, que ontologicamente a educação de tipo escolar revela um enriquecimento da individualidade humana, contudo, do ponto de vista axiológico, os valores que predominam sobre a constituição de tais individualidades são aqueles destinados à produção e à reprodução do capital. No entanto, coloca-se para a humanidade, nesse momento, como processo irreversível e cada vez mais decisivo, a predominância do sentido estrito da educação, de formas conscientes e sistemáticas de formação de comportamentos tipicamente sociais.

O sentido lato e o sentido estrito da educação

Como exposto acima, as atividades emanadas do *modus operandi* do trabalho ativam uma série de ações que se mostram necessárias a influenciar os indivíduos à tomada de certas condutas que, em última instância, cooperam para a reprodução das formas de produção material da vida em sociedade. O trabalho, entretanto, compõe uma das instâncias (das mais decisivas) da vida social; para além dele, articulam-se demais complexos que estruturam a totalidade social, necessárias à reprodução do ser social dos homens. Assim, apresentam-se os

complexos sociais da linguagem, da educação, da sexualidade e, especialmente na sociedade de classes, os complexos do direito e da política⁶.

Sob a instância da base orgânica, presente nas formas de comunicação comuns nas variadas espécies animais gregárias mais complexas, sinalizadas por meio de repostas tipicamente naturais, como emissão de sons e ruídos, tipo de coloração especial, produção de odores, entre outros, a resposta humana ao “novo” produzido pelo trabalho surge na forma da linguagem, surtindo um tipo mais preciso e cada vez mais especializado de comunicação (Lukács, 2007a). São aspectos qualitativamente novos do “*se-fazer-social*” (ibidem) dos homens, que impõem formas de ação e a constituição de novos complexos, os quais têm por definição influenciar os homens a fim de que, de alguma maneira, possam tomar consciência do mundo que os cerca.

Como as determinações que geraram o complexo da linguagem, as atividades que compõem o complexo educativo cumprem, desse modo, sua função, conscientizando os indivíduos singulares (em maior ou menor grau) de sua vida social, da constituição de sua linguagem e do seu papel na produção material da existência humana. Em sentido lato, a educação mostra-se intimamente ligada à própria atividade produtiva, ao próprio trabalho, uma vez que mobiliza uma série de operações psicofísicas que fazem da atividade teleológica do trabalho um ato que sempre “remete para além de si mesmo” (ibidem).

De outro modo, guiada pelas atividades que determinam a vida dos indivíduos, a educação no seu sentido lato manifesta-se “espontaneamente”, isto é, sem que sejam pré-estabelecidos objetivos a serem atingidos, sem que sejam conscientemente postos os elementos que devam ser apropriados pelos indivíduos. Em sentido estrito, a educação reflete as marcas históricas do desenvolvimento das forças produtivas do homem. Busca, dessa maneira, selecionar e conservar os elementos necessários à continuidade do modo de produzir e agir. Em grande medida, busca reproduzir tipos ideais de conduta. Assim, se pensarmos na educação de um monarca, aristocrata, ou mesmo de um profissional liberal como um advogado ou médico, em todas essas situações a educação em sentido estrito cultiva um modelo pré-estabelecido de comportamentos, que se identificam com determinada posição social que se queira reproduzir, inclusive.

É evidente que as linhas que perfazem a educação tanto no sentido lato, quanto estrito, entrecruzam-se a todo o momento da vida social. Entretanto, em formações “*socialmente puras*” (ibidem), onde a aparência de naturalização das

⁶ Sobre o direito e a política, Lukács irá afirmar que são complexos especificamente desenvolvidos pelas sociedades de classes e têm como função principal a mediação e a normatização dos conflitos de classe, sendo eles mesmos produtos da dominação de uma classe sobre as demais. “O direito, surgido porque existe a sociedade de classes e por sua essência, é necessariamente um direito de classe: um sistema para ordenar a sociedade segundo os interesses e o poder da classe dominante.” (Lukács, 2007a, p. 73).

relações humanas dá lugar a estruturas específicas e conscientemente sociais, a educação no seu sentido estrito passa a ter um papel muito mais decisivo. Daí a busca de uma formação genérica, que sintetize as conquistas do momento histórico de determinadas formações sociais. É nesse sentido que discutimos a atuação da educação escolar como forma designadamente social de formação humana, desempenhando muitas vezes um papel determinante na formação da consciência dos indivíduos, ou seja, consciência no seu mais alto grau de fidedignidade de compreensão do real.

Deste modo, temos que a educação é uma categoria eminentemente social, embora se desenvolva sob duas linhas distintas. Em sentido *lato*, é regida sob a sombra das formas hegemônicas do trabalho; uma vez exauridas as possibilidades de ação dos indivíduos sobre mundo⁷, desaparecem também as possibilidades de educar-se em sentido lato. Em sentido *estrito*, são as demandas sociais, culturais e históricas que colocam como necessidade para os homens a compreensão do mundo⁸. Embora não haja uma separação precisa das formas espontâneas e formas sistematicamente organizadas de educação, é sob a sociedade de classes que, de maneira imanente, têm sido diferenciados a extensão e o aprofundamento da educação no sentido estrito.

Trabalho educativo e o sentido estrito da educação

Vimos até aqui as relações entre educação, trabalho e divisão do trabalho. Em face do desenvolvimento do trabalho e do aprofundamento da divisão do trabalho, o complexo educativo apresenta-se como condição *sine qua non* da humanização dos homens. Em sentido lato, a educação enquanto elemento concreto da sociabilidade humana nunca se extingue. Contudo, dada a dimensão do desenvolvimento das forças produtivas, em sentido estrito, a educação consubstancia-se no direcionamento da continuidade de um tipo de sociabilidade. Torna-se necessário, neste sentido, o registro na consciência dos homens, das conquistas essenciais do gênero humano. O capitalismo, por sua vez, é o primeiro sociometabolismo em que as objetivações essenciais do gênero, potencialmente, apresentam-se como necessárias a todos os homens. A educação deixa de ser uma atividade particular, determinada fundamentalmente pela ação imediata, para assumir características universalizantes e ações estruturalmente mediadas.

⁷ Neste caso, os indivíduos aprendem espontaneamente no exercício cotidiano de suas atividades. Uma vez impedidos de realizá-las, deixam de aprender com elas. Presuma um operário que depois de anos de trabalho em uma fábrica é obrigado a se aposentar. Durante os anos em que esteve em atividade, ele esteve em plena aprendizagem da sua área de atuação, que no acúmulo dos anos se solidificou no campo de conhecimento da experiência pessoal. Contudo, ao deixar de realizar tais atividades, deixa-se obviamente de se educar por meio delas.

⁸ Em sentido estrito, a educação não possui uma relação direta com a atividade, de tal modo que é possível estudar biologia sem ser biólogo, filosofia sem ser filósofo e a aprender a fazer um bolo sem nunca ter pisado numa cozinha.

Pelos motivos acima, somos levados a relacionar o sentido estrito da educação com a afirmação do trabalho educativo de Saviani. Nesse sentido, concordamos com Duarte quando afirma que,

[...] uma ontologia da educação busca compreender a essência historicamente constituída do processo de formação dos indivíduos humanos como seres sociais. Não se trata de uma essência independente do processo histórico, das formas concretas de educação em cada sociedade. Trata-se da análise dos processos historicamente concretos de formação dos indivíduos e de como, por meio desses processos, vai se definindo, no interior da vida social, um campo específico de atividade humana, o campo da atividade educativa (Duarte, 2009, p. 2).

O ser social é essencialmente um ser histórico, determinado pelas relações que o cercam no presente e por aquelas que contrai do passado. Pensar numa concepção ontológica de educação sem levar em consideração o desenvolvimento sócio-histórico dessa dimensão da atividade humana levar-nos-ia, de fato, a uma ontologia idealista da educação – uma falsa concepção ontológica, que se limita aos aspectos tipicamente “naturais” do desenvolvimento psicofísico dos indivíduos, resultando num ideal de ser humano abstrato, que aprende por si mesmo em interação com o ambiente, descolado das determinações da história e, conseqüentemente, da sua classe.

De outro modo, a afirmação do trabalho educativo em sentido estrito revela-nos essencialmente uma concepção materialista e histórica de homem. Para Saviani, os indivíduos da espécie humana só se tornam humanos na medida em que se apropriam dos elementos culturais que correspondem universalmente com a constituição da sociedade humana.

Novamente, recorreremos a Duarte, que enxerga no conceito de trabalho educativo “[...] uma definição ontológica que resulta de uma análise histórica e, ao mesmo tempo, dirige a análises das formas concretas de educação, na medida em que sintetiza a essência, historicamente constituída, do processo de educação dos seres humanos.” (*ibidem*, p. 11).

Saviani procura sintetizar, de certa forma, no trabalho educativo, a possibilidade concreta de universalizar a educação dos homens, de modo que todos os indivíduos tenham acesso total e irrestrito ao conhecimento que a humanidade produziu ao longo da história. Possibilidade essa permitida pelo desenvolvimento das forças produtivas do capital. Dessa feita, resulta a sua concepção dialética da educação. Ele não confunde as formas de educação desenvolvidas no capitalismo (educação escolar) com os objetivos do capital. Ontologicamente, a educação do tipo escolar possibilita agir sobre os sujeitos da prática de “modo indireto” e “mediato”, de modo que se torne possível projetar os atos futuros.

Contudo, neste ponto temos que concordar com Teixeira (2013)⁹ ao afirmar a dimensão propositiva do trabalho educativo.

Tomando o trabalho enquanto atividade-modelo do ser social, os desdobramentos para a educação ficam evidentes no sentido propositivo: “trabalho educativo” não é qualquer atividade, mas uma atividade intencional, não-espontânea. De fato, o trabalho contém as características que o tornam modelo das demais práxis sociais porque, para além da mera causalidade do mundo natural, possibilitou a humanização do ser social por ser teleológico, pautar alternativas, objetivar algo novo, conter ações orientadas a fins, etc. (Teixeira, 2013, p. 6).

Observando atentamente, toda educação no sentido estrito tem necessariamente uma intencionalidade e dirige-se à reprodução de determinadas condutas, que, na esteira da divisão social do trabalho, tornam-se decisivas para as vidas dos indivíduos. No capitalismo, a emergência da profissionalidade assenta a todos os indivíduos (ou a sua grande maioria) a necessidade de uma diferenciação cada vez maior. Tal diferenciação, no entanto, parte de uma base comum, que podemos chamar de cidadania. O deslocamento da hegemonia do trabalho do campo para a cidade instaura uma nova sociabilidade, que exige dos indivíduos, minimamente, o domínio da cultura escrita. Ler e escrever não são mais privilégios das classes dominantes, mas se colocam agora como essencialidade do gênero. Para atingir tais objetivos, a burguesia institui a escola como lugar especializado no atendimento à educação geral da população. Especificamente, a escola em sentido estrito deveria ofertar um tipo ideal de conduta que se compraz na figura do cidadão. Evidente que isso resulta em um grande benefício para a constituição da personalidade dos indivíduos, contudo, o projeto de cidadania burguesa, dada sua natureza política, limita-se à subordinação do trabalho ao capital.

Em que pese a captação dos conhecimentos universais na proposição de uma sociabilidade que supere a relação do capital/trabalho, a Pedagogia Histórico-Crítica elabora, com base na essencialidade do trabalho, uma concepção de

⁹ Neste texto, Teixeira (2013) discute as críticas a respeito da identidade do trabalho com a educação, presente na obra de Dermeval Saviani. Neste sentido, aponta que a definição de trabalho educativo por Saviani não é de natureza estritamente ontológica, pois trabalho educativo não é apenas a constatação ontológica sobre qual seja a função social que cumpre a educação em sentido universal na reprodução social, mas a definição de uma forma particular de ato educativo que se considera mais apropriado à humanização plena (dimensão ética), isto é, já considera os interesses da classe trabalhadora e também já considera a crítica às pedagogias relativistas por ser direto e intencional (dimensão epistemológica). Para nós, é importante salientar que independente do conceito de “trabalho educativo” ser ou não denominado de trabalho, há em seu juízo expresso uma dimensão ontológico-objetiva, que se confirma ao tomar o processo histórico-dialético como base da proposição de uma educação revolucionária e, especialmente, de uma consciência socialista.

educação que encerra um projeto de transformação revolucionária da sociedade. De outro modo, ousamos afirmar que o trabalho educativo constitui-se, do ponto de vista ontológico-objetivo, num tipo estrito de educação que, em contraponto aos tipos “profissionais” e “clássicos”¹⁰, retroage sobre os indivíduos de modo a influenciá-los a um agir revolucionário, propondo e reafirmando, desta maneira, um tipo de consciência social, que nada mais é que a própria consciência socialista.

Considerações sobre o trabalho educativo

Diante do exposto, consideramos que o conceito de trabalho educativo possui traços constitutivos de um tipo de educação, que somente pode ser elaborado no decurso do desenvolvimento histórico do trabalho e da divisão do trabalho. A divisão técnica e social do trabalho coloca para a humanidade a necessidade em particular de reproduzir e estender determinados comportamentos em função da própria execução do trabalho e do exercício do controle sobre ele. A persistência desses tipos especiais de conduta torna-se possível por meio da instituição de determinadas formas de educação, responsáveis por sua reprodução em sentido estrito.

No capitalismo, em face da industrialização e da urbanização, surge pela primeira vez a necessidade de universalizar a educação em sentido estrito, de modo a formar (de maneira alienada) um tipo de conduta cidadã e demais tipos profissionais destinados à reprodução do capital. Surge neste momento a possibilidade da formação de uma consciência universal dos homens. Em caráter contraditório, as formas alienadas de educação dos tipos ideais necessários à reprodução do capital possibilitam a formulação de condutas que se posicionem contrariamente à sociabilidade capitalista. O trabalho educativo em sentido estrito representa esse tipo de educação. Significa que em sentido *estrito*, o trabalho educativo propõe como formação da consciência dos homens um tipo específico de transformação e reprodução social tendo como base a conservação dos elementos “clássicos” da cultura universal, em afirmação de uma consciência socialista.

Assim, a definição do conceito de trabalho educativo condensa, em caráter ontológico-objetivo, os elementos essenciais para a reprodução social dos ho-

¹⁰ Lukács (2007a) afirma que na esteira das exigências de conhecimentos, habilidades e comportamentos que as sociedades solicitam de seus membros há de persistir tipos estritos de educação que denotam a marca de certas condutas profissionais ou clássicas. “O tipo tão persistente do aristocrata inglês é muito mais um produto da marca recebida pela educação em Eton ou em Oxford-Cambridge que da transmissão hereditária. Mas em geral, quando se considera a longa persistência dos tipos clássicos ou profissionais, é preciso reconhecer que, acima de tudo, em tais marcas, uma parte ao menos igual àquela em sentido estrito obviamente pertence à educação em sentido lato (frequentemente espontânea)” (p. 19).

mens, observando o desenvolvimento das suas máximas capacidades físicas e intelectuais. Ao mesmo tempo, constitui-se em caráter valorativo de um tipo específico de formação de conduta, ou seja, a formação de uma consciência socialista.

Referências bibliográficas

- DUARTE, N. “Elementos para uma ontologia da educação na obra de Dermeval Saviani.” In: SILVA JR. C, A. (org.). *Dermeval Saviani e a Educação Brasileira*. São Paulo: Cortez, 1994. pp. 129-149.
- _____. “Lukács e Saviani: a ontologia do ser social e a Pedagogia Histórico-Crítica.” In: *VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”* Eixo temático 4: História, Educação e Transformação: tendências e perspectivas, Campinas, 2009.
- LUKÁCS, G. *Ontologia do ser social: a reprodução*. Tradução provisória de Ivo Tonet. Versão digital enviada por <ivo_tonet@yahoo.com.br> em 16 de maio de 2007a.
- _____. *Ontologia do ser social: o trabalho*. Tradução provisória de Ivo Tonet. Versão digital enviada por <ivo_tonet@yahoo.com.br> em 16 de maio de 2007b.
- _____. *Per l'ontologia dell'essere sociale II*. Tradução para o Italiano de Alberto Scarponi. Roma: Riuniti, 1981.
- LESSA, S. *Para compreender a ontologia*. 3ªed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.
- MARX, K. & ENGELS, F. *A ideologia alemã e outros escritos*. Trad. Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- TEIXEIRA, J. “Trabalho educativo, ato educativo e ato político na pedagogia histórico-crítica: por uma pedagogia crítica e auto-crítica.” In: *Anais do V Seminário Internacional – Teoria Política do Socialismo “Marx: Crise do capitalismo e transição”*, Marília, 2013.

Recebido em 16 de julho de 2017

Aprovado em 07 de agosto de 2017